

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Obstáculos de S. Paulo

Class.: ALR 00001

Data: 29.08.69

Pg.: _____

EM GOIÁS, HÁ INDIOS NEGROS

Das Sucursais

Índios negros, de cabelos lisos, mais altos que a média dos silvícolas nacionais e conhecedores da fundição — usam pontas de ferro em suas lanças e flechas — têm atacado rebanhos a este da Ilha do Bananal, em Goiás. Seriam descendentes dos Awa, grupo Tupi, e de prêtos fugidos de quilombos.

A Fundação Nacional do Índio apurou que eles têm aparecido nas proximidades dos municípios de Dueré, Peixe e Natividade, onde foram vistos por fazendeiros cujos rebanhos atacaram, mas o provável é que seu grupo principal esteja localizado nas faldas da Serra do Tombador.

Os etnólogos da Fundação Nacional do Índio, que vem realizando estudos reservados a respeito, ainda divergem quanto a origem desses índios, mas concordam todos em que são cafusos. Para alguns, são resultado do cruzamento dos Awa, grupo Tupi, com fugitivos dos quilombos, principalmente o de Palmares, que teriam alcançado o norte de Mato Grosso e de Goiás.

Há, no entanto, quem os considere descendentes dos Awa mas em mistura com negros que participavam das bandeiras da segunda metade do Século XVIII. O estágio em que se encontram esses índios é superior ao da grande maioria das tribos brasileiras. Conhecem, pelo que se sabe, a fundição, utilizando o ferro nas pontas de suas flechas e lanças.

O biotipo desses índios — alguns foram vistos até de perto — é que tem mais impressionado os etnólogos. São negros, estatura acima da normal para os índios, e de cabelos bem lisos.

Insulados

Apesar de relativamente conhecidos na região, onde são chamados de "caras-pretas", esses índios mantêm-se insulados e arredios. Mesmo esse grupo que ultimamente tem atacado alguns rebanhos nos municípios de Peixe, Dueré e Natividade, que abrangem uma larga faixa de terra no norte de Goiás, jamais entrou em contato com os civilizados.

A presença de outro grupo — pode, no entanto, ser o mesmo — foi registrada nas proximidades do Parque Nacional do Xingu, tendo estas notícias chegado até os irmãos Vilas-Boas. De acordo com essas informações, esses índios teriam seu principal núcleo nas faldas da Serra do Tombador, já no Estado de Mato Grosso.

Fogo

O presidente da FUNAI, Queiroz Campos, já determinou investigações a respeito. Um dos mais importantes etnólogos da FUNAI já esteve no norte de Goiás fazendo investigações.

Essas informações coincidem com várias outras, recebidas anteriormente, da observação de fogueiras nas proximidades da Serra do Tombador. Como a região é úmida e não há quase possibi-

lidade de combustão espontânea, acredita-se, agora, que essas fogueiras sejam dos índios negros.

Quilombos

Nesse caso, estaria fortalecida a tese de que os "caras-pretas" sejam descendentes do cruzamento de índios com negros dos quilombos. Essa região em que foram assinaladas fogueiras é inteiramente desconhecida dos civilizados.

Como a área deverá ser desbravada em pouco tempo, inclusive como uma das consequências da construção da estrada Xavantina-Cachimbo, o presidente da FUNAI determinou todo o esforço para imediata localização e pacificação dos "caras-pretas".

“Os índios não são peças de museu”

“A nova fase da política indigenista brasileira pretende retirar o silvícola da condição de peça de museu, mantido, como alguns desejavam, para uso e motivação do turismo, com base na exploração do exótico”, afirmou ontem na Guanabara o prof. Arthur Cesar Ferreira Reis, durante conferência realizada na Confederação Nacional do Comércio. O orador é membro do Conselho Diretor desse órgão e sua palestra abordou o tema “O índio brasileiro e sua condição atual”.

Durante a palestra foram abordados oito pontos principais: “A política adotada pelo governo republicano”; “O que dizem as Constituições Republicanas”; “O que fez o Serviço de Proteção aos Índios”; “O escândalo da recente matança dos índios”; “Os direitos humanos garantem a vida do indígena brasileiro?”; “Estado atual das populações indígenas na América espanhola, francesa e inglesa”; “O pensamento dos antropólogos, historiadores e sociólogos”; “Providências governamentais para apurar a verdade e iniciar uma nova política de preservação da espécie indígena brasileira”.

Integração

O prof. Ferreira Reis iniciou a conferência, lembrando que não faz muito tempo o Brasil rejeitou na ONU o racismo implantado na África do Sul. “Paralelamente, a matança dos índios brasileiros, praticada com a cumplicidade do próprio órgão, criado para defendê-los, vem recebendo condenação de associações científicas e de universidades de todo o mundo”. Referindo-se aos direitos constitucionais dos índios, o conferencista lembrou que a Constituição da República diz, em seu art. 86: “É assegurada, aos silvícolas, a posse permanente das terras que habitam,

e reconhecido seu direito ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nela existentes”.

Quanto à política atual do governo, com relação aos índios, o prof. Ferreira Reis explicou que a Fundação Nacional do Índio, órgão criado para substituir o extinto Serviço de Proteção aos Índios, está empenhada na execução de uma política de integração dos nossos silvícolas. Esclareceu que, essa integração inclui defesa do patrimônio natural, defesa da vida pela educação sanitária, educação para o ingresso de um novo “status” cultural, a fim de que possam, sozinhos, apenas com o auxílio da própria inteligência, manter a existência material.